nossos leitores os mais variados assuntos, selecionamos esta obra tendo em mente não só os aspectos históricos como também a figura de um homem discutido, que, durante a primeira guerra mundial, enfeixou em suas mãos, na Alemanha, um poder excepcional". E adiante: "Talvez o maior estigma, aquêle que acompanhará Ludendorff para sempre, é o de que êle foi um dos responsáveis pela ascensão de Hitler". O assunto é por demais complexo e muito há ainda a escrever-se sôbre êle. Em que pese tôdas as precauções dos editôres, é inegável que se trata de valiosa contribuição para a história militar das duas grandes guerras mundiais.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *

*

BERNARD (Henri), CHEVALLAZ (André), GHEYSENS (Roger) e DE LAUNAY (Jacques). — *Os arquivos da segunda guerra mundial*. [Les dossiers de la seconde guerre mondiale]. Tradução de Vasco Pulido Valente. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1969. 262 páginas. (Enciclopédia de Bolso Difel).

O presente volume, editado pela Difusão Européia do Livro em convênio com a Livraria Bertrand, de Lisboa, foi publicado sob os auspícios da Comissão Internacional do Ensino da História que, para tal fim, convidou quatro historiadores, todos especialistas nos seus respectivos domínios, capazes todos de uma contribuição positiva para traçar as linhas mestras dessa "história definitiva", que tão cedo não poderá ser escrita, da segunda guerra mundial. Henri Bernard ("As batalhas decisivas") mostra em que datas precisas e em que condições os movimentos ofensivos das forças do Eixo foram detidos. Dá ênfase à evolução do armamento e das técnicas aeronavais, evolução que veio permitir operações de grande envergadura de um estilo completamente nôvo. Georges André Chevallaz ("As grandes conferências diplomáticas") examina o sentido dos acontecimentos diplomáticos, as causas distantes da guerra e identifica os grandes fatos diplomáticos que permitiram o desenvolvimento da guerra na Europa (Pacto germano-soviético) e no sudeste asiático (Pacto nipo-soviético). A análise que faz das grandes conferências interaliadas permite descobrir quais foram as grandes decisões que refizeram o mapa do mundo, assim como as intenções que as motivaram. Roger Gheysens ("O verdadeiro papel da espionagem"), pondo de parte as histórias rocambolescas, mais ou menos imaginárias ou romanceadas, tenta apurar qual foi o verdadeiro papel da espionagem no decurso da guerra. Faz o inventário dos fatos de veracidade confirmada e explica como é que a luta dos serviços de informação se desenvolveu através da utilização de meios técnicos aperfeiçoados de codificação e decifração. E demonstra também porque é que o problema crucial da crítica das informações não recebeu nenhuma solução satisfatória. Finalmente, Jacques de Launay ("A guerra psicológica") tenta precisar as razões que levaram os novos meios de comunicação (rádio, imprensa) a desempenhar um papel inteiramente nôvo na guerra, fazendo as populações civis participarem dela, como nunca havia ocorrido. O seu ensaio sôbre a guerra psicológica, respectivas vitórias e derrotas,

abre uma via que merecia, talvez mais do que nenhuma outra, ser melhor estudada e pesquisada. Em resumo — conclui o editor na apresentação — esta obra não é uma análise de todos os fatos da segunda guerra, nem uma síntese de todos os documentos conhecidos. Procura ser um arquivo em que se examina o estado atual dos nossos conhecimentos sobre o assunto, arquivo que permitirá discernir claramente as estruturas essenciais do grande evento.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

POL (W. H. van den). — *O fim do Cristianismo convencional* [Het einde van het conventionele christendom]. São Paulo Livraria Herder. 1969. 382 páginas. Versão brasileira de Carl Laga.

Sobre este importante e corajoso livro que procura colocar sob novas luzes toda uma problemática em torno da posição do Cristianismo no mundo atual, julgamos melhor transcrever, para a sua apreciação, as palavras seguintes do apresentador do volume: “O Professor Van de Pol acha que o que está condenado, corroído, é o convencionalismo na religião. Sob o impacto da evolução aceleradíssima em nossa maneira de pensar, de apreender, de conhecer e de nos expressar, esse convencionalismo não sobreviverá por muito tempo, tanto mais que o processo de corrosão também se vai precipitando. Apesar do assunto tão palpitante, este livro não é polêmico, muito menos apologético. Van de Pol, nascido no protestantismo holandês, formando no anglicanismo e atualmente um dos teólogos mais categorizados dos Países-Baixos, publicou várias obras sobre o assunto que sua própria vida parecia indicar, ou seja a problemática Roma-Reforma. Serenamente, ele reconhece nesta obra que esse diálogo, por mais necessário que permaneça, está até certo ponto ultrapassado pelo dramático diálogo atual entre um novo mundo, que nasce depressa, e todas as religiões cristãs, não importa sua forma, e, até, da religião em geral. Várias vezes, porém, o professor insiste em seu ponto de partida, que é fenomenológico, descritivo e nunca propagandístico. Em compensação, seu horizonte é extremamente amplo, pois abrange os grandes sistemas filosóficos, as grandes descobertas científicas que acarretaram, mesmo que isso não se percebesse de imediato, um enfraquecimento do sistema religioso tradicional. Depois, numa análise de algumas tendências teológicas das últimas décadas em torno de figuras como Barth, Buber, Tillich, Robinson e os corifeus do movimento chamado de “Deus que morreu”, caracteriza a situação atual do Cristianismo. Se não é possível, desde já, prever todos os caminhos pelos quais a religião terá de enveredar, o livro terá certamente o mérito de indicar quais as veredas que não conduzem a nada. Pelas amostras que desse seu trabalho já temos tido em algumas publicações avulsas, podemos esperar seja mais uma dessas obras imprescindíveis na biblioteca de um professor de História.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS